

# SOB A ÉGIDE DO DISCURSO JESUÍTICO: UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES, DA AMAZÔNIA E DA CULTURA INDÍGENA, NA ACEPÇÃO DO PADRE JOÃO DANIEL

Autor: Raiana Tavares dos Santos

*Universidade do Estado do Amazonas-UEA, raiana\_sofiadasantos@hotmail.com.*

Coautor: Arcângelo da Silva Ferreira

*Universidade do Estado do Amazonas-UEA, asf1969@outlook.com*

## RESUMO:

o artigo consiste na análise do discurso do Pe. João Daniel, inscrito no livro *Tesouro Descoberto do Máximo Rio Amazonas*, almejando refletir acerca das táticas utilizadas pelos indígenas inseridos no processo de dominação estruturado pela política indigenista do Regimento das Missões. Lançando mão da nova história cultural pretende-se produzir saber histórico aonde a cultura indígena venha a ser compreendida na sua totalidade. Igualmente, que os resultados da referida pesquisa seja utilizada no ensino de História.

**Palavra chave:** Amazônia colonial, Discurso jesuítico, Resistência Indígena.

## INTRODUÇÃO

A Amazônia no período colonial recebeu muitos sistemas administrativos, ou seja, Sistema de Capitães de Aldeia, Regimento das Missões, Diretório dos Índios e o "Corpo de Trabalhadores" ou Carta Régia de 1798, todos interessados em controlar e explorar a força de trabalho indígena. O projeto que se avizinha pretende pesquisar o contexto do Regimento das Missões, criado pela lei de 21 de dezembro de 1686, sua vigência abarca, portanto os séculos XVI ao XVII. Tratava-se de um sistema de recrutamento e organização da força de trabalho indígena. Sua implantação aconteceu com uma tentativa de controlar a extinção dos índios, que estavam morrendo gradativamente, devido à exploração dos colonos leigos à época do Sistema de Capitães de Aldeia. Porém, o que decerto ocorreu, foi à continuação da escravidão do trabalho indígena por mais 70 anos, agora pelas mãos dos religiosos. Os missionários, em particular os jesuítas detinham o controle dos índios e, nesse contexto histórico, são considerados pela historiografia especializada como "os donos da terra", pois, com isso mantinham a hegemonia política e econômica na Amazônia. É ilusório pensar que os missionários tinham apenas intenções de catequização, de comprometimento com a fé, paralelo às atividades espirituais, eles instituíram agências econômicas sólidas. Diante desta circunstância histórica nos perguntamos: Como os indígenas resistiram à escravidão? A partir desta problematização, partiremos da análise do discurso do Padre João Daniel, inscrito no livro de sua autoria "*O Tesouro Descoberto no Máximo rio Amazonas*", almejando verificar quais as táticas que os índios usaram para resistir e sobreviver ao sistema indigenista, de que maneira utilizaram de uma política indígena para resistir ao sistema escravista e inventar seu cotidiano.

Compreender o universo indígena, seus aspectos culturais, bem como seu cotidiano, suas crenças, seus hábitos, é um fator importantíssimo para entender suas ações na sociedade e compreender como se construiu uma imagem preconceituosa no decorrer da história. Existe quase sempre uma imagem estereotipada sobre o indígena caracterizando-o como estigma da indolência, porém, pouco se tem conhecimento da trajetória histórica das etnias indígenas e suas formas de organização no contexto da Amazônia. É correto afirmar que os projetos de colonização, paralelo ao choque cultural, romperam com sistemas socioeconômicos e políticos nos quais as etnias indígenas estabeleceram paradigmas complexos, como, por exemplo, os cacicados amazônicos. O encontro chocante com o alienígena europeu desencadeou inúmeras formas de resistências, assim como, sutis estratégias de sobrevivência. O mundo do trabalho escravo inserido na Amazônia colonial está marcado, portanto, pelo advento da história das manifestações indígenas. É importante levar ao conhecimento da sociedade que os povos indígenas, não simplesmente aceitaram ser escravizados mas criaram táticas contra a política indigenista imposta. Levar a público o conhecimento das resistências dos povos indígenas é de certa forma quebrar com certas concepções preconceituosas acerca das etnias indígenas: selvagens, sem ciência, passivos. O projeto é viável, pois questiona a versão oficial da História indígena, possibilitando a construção de uma Nova História. Para tanto, o discurso do padre João Daniel, que viveu na Amazônia colonial, é essencial, posto que descreve o cotidiano do indígena, sua cultura face à escravidão. Daí, a importância dessa fonte histórica para percebermos as táticas de resistência e sobrevivência tomadas pelos índios. Será uma contribuição para aqueles que tiverem interesse em conhecer e entender o período colonial amazônico. A intenção é construir conhecimento histórico elucidando a trajetória histórica da política indígena em conflito com a política indigenista, à luz da História Social da Cultura.

Objetivamos compreender os processos de dominação e apropriação/resistência inscritos nas relações entre as políticas indigenistas e indígenas, a partir da análise do discurso do padre João Daniel. Contextualizar o período histórico denominado Regimento das Missões na Amazônia. Identificar e compreender as táticas e as estratégias que os índios usaram para imprimir uma política indígena no contexto do Regimento das Missões.

## **METODOLOGIA**

No que tange à manipulação dos documentos, esta investigação histórica está pautada em fontes escritas (primárias e secundárias). Partirá de levantamento bibliográfico no acervo da instituição sobre história indígena e do indigenismo (CUNHA, 1994), inscrita no período recortado, para reconstruir historicamente o contexto histórico delimitado, verificando e analisando as políticas de

dominação das etnias indígenas na Amazônia (WRIGHT, 2005). Como já foi mencionado em outras seções deste projeto, a principal fonte a ser utilizada nesta pesquisa é o documento, em dois volumes, do Pe. João Daniel, isto é, Tesouro Descoberto no Rio Amazonas (1758-1776). Para a análise desta fonte, essencial, utilizaremos os pressupostos metodológicos da História Cultural, tendo como parâmetros norteadores os estudos de Michael de Certeau e Carlo Ginzburg. O primeiro reflete sobre as estratégias de sobrevivência as quais sujeitos históricos lançam mão quando, através de acuradas análises de contextos, percebem os amalgamas que armam e amaram estruturas impostas por determinados sistemas de dominação. Desta forma, Certeau (1996) nos ajudará a visualizar como as etnias indígenas criaram certos mecanismos para ressignificar técnicas de controle como, por exemplo, as práticas pedagógicas inscritas na catequese cristã, cabendo aqui o conceito denominado pelo referido pesquisador de “arte de viver”. Paralelo a isto, as chaves metodológicas deixadas por Certeau serão usadas para verificar e analisar a apropriação dos indígenas no que diz respeito aos processos de educação e controle propostos pelas ordens missionárias durante o Regimento das Missões. O segundo, Ginzburg (1987), contribuirá com esta pesquisa porque pretendemos utilizar um caminho que o mencionado pesquisador trilhou para investigar a relação entre aquilo que ele denominou de cultura sobreterrânea e cultura subterrânea. Apropriando-se dos estudos de M. Bakhtin, sobre a cultura da Idade Média e do Renascimento, cunhou o conceito de “circularidade cultural”, verificando os processos de entrelaçamento entre cultura erudita e cultura popular. Usaremos o mesmo conceito para buscar compreensão da possibilidade de ter ocorrido no mundo colonial à circularidade entre a cultura europeia e as culturas indígenas, verificando como as ordens missionárias se apropriaram das culturas indígenas, por um lado, e como estas se apropriaram da cultura cristã, por outro. Outro recurso metodológico do supramencionado historiador é o caminho que utiliza para chegar às ações de agentes históricos dissimulados nos discursos e nas fontes oficiais, isto é, o método indiciário. Trata-se de uma minuciosa análise hermenêutica acerca das ínfimas evidências deixadas nos registros quase sempre escritos por agentes da dominação e, por isso, preocupados em escamotear a fala dos sujeitos históricos inscritos em segmentos e camadas sociais consideradas inferiores. Elucidando este método, Ginzburg (2007), olhando por sobre os ombros do inquisidor, por exemplo, conseguiu ouvir a fala das minorias condenadas as fogueiras inquisitoriais, enfatizando assim suas trajetórias, visualizando-os como agentes históricos. Desta forma, a pesquisa que se avizinha pretende investigar as etnias indígenas por meio da mencionada perspectiva. Dizendo de outro modo, apesar de usar o discurso oficial de um padre jesuíta sobre as etnias da Amazônia no contexto colonial,

pretendemos, usando o método indiciário, ouvir a fala das etnias indígenas, e por meio das imagens construídas pelo referido religioso verificar e analisar as manifestações de autonomia, a "arte de viver" dos indígenas, no contexto da vida cotidiana, inserida na peculiar sociabilidade construída nas relações de poder trazidas pelo contato entre a cultura europeia e a cultura ameríndia.

### **Resultados e Discursões**

O Sistema do Regimento das Missões teve início por um decreto de lei de 21 de dezembro 1686 e perdurou até 1757 onde foi substituído pelos diretórios dos índios. Quem estava envolvido na criação desse projeto eram conselheiros régios, autoridades colônias e jesuítas. Eram os missionários em especial os jesuítas que detinham o poder sobre os índios na colônia. Durante esse sistema administrativo os indígenas continuaram sendo explorados, obrigados a trabalhar de formas desumanas, como ocorreu no período de capitães de aldeias. O processo de captura dos índios permaneceu o mesmo, de índios repartidos, e índios escravos, a exploração do trabalho continuou tão cruel como no período anterior.

A mão de obra indígena era muito importante para a economia da colônia, por esse motivo eram elaboradas algumas estratégias de dominação, uma dessas era a catequese, ser cristão naquele contexto era uma forma de sobrevivência. O historiador Almir de Diniz (2007) destaca que a identidade indígena é complexa, a índios foram atribuídas muitas identidades, existem diversos indicativos de identidade atribuídos e eles, os europeus os chamaram de mansos, brutos, ladinos, selvagens, gentios sem civilização, tapuios, bárbaros, domésticos, cristões, entre outros. De todos os nomes o mais importante era o nome cristãos, porque assim estavam fazendo parte do grêmio da igreja, passam a ser civilizados, diziam que se eles se tornassem cristões teriam suas almas salvas:

Torna-se cristão para eles era uma escolha e, ao mesmo tempo a sua única opção segura. Se não fosse assim, tornar-se-iam marginais frente ao novo contexto que tinham que conviver. Caso não tomassem esta decisão estariam à mercê das 'tropas de resgate' ou das "guerras justas". (DINIZ, 2007, p. 125).

A partir disso percebemos nas entre linhas que os índios se tornavam aliados dos missionários como uma tática de resistência, sendo "amigos" poderia viver com menos crueldade, havia um jogo de interesses entre colonos e índios. Com este exemplo de resistências das populações indígenas chegamos ao ponto alvo de nossa pesquisa perceber como os índios criavam situações para viver mais próximo de sua identidade sociocultural mesmo inserido no espaço pertencente ao colonizador.

Histórias como essas são permitidas graças a uma mudança ocorrida na maneira de fazer e escrever histórias. O ofício do historiador é perceber nesses detalhes as vivências daquelas que por muito tempo estavam nas margens, desvalorizados pela historiografia. Segundo François Dosse (2004), devido às mudanças ocorridas no século XX no mundo das ciências humanas e ciências sociais, onde a disciplina história estava fazendo parte destas transformações, seu método e a própria história da disciplina foi repensada. Mudanças que como consequência criam uma nova relação entre história e memória proporcionando assim novas expectativas, projetos inéditos a partir de uma memória retrabalhada. As ciências humanas começam a sair do causalismo próprios das ciências experimentais e começa a trabalhar o “outro” sua parte humana. Assim com a antropologia e a sociologia a história tem uma dupla hermenêutica, ou seja, duplo processo de tradução é interpretação, em primeiro lugar são representações das ações dos autores e em segundo são disciplinas interpretativas: A ciência histórica visava ao imutável, ao invariável dos condicionadores que pensavam sobre a humanidade, fechando o homem na restrição inexorável das leis e funções. (DOSSE, 2004, p. 195).

O historiador trabalha nas margens, com o silêncio, com histórias partidas, feridas e reprimidas da memória coletiva. Buscaremos identificar aqueles que foram silenciados e reprimidos na história, mas que deixaram nas entre linhas dos escritos dos viajantes vestígios que permitem identificar seu papel na história, falo dos índios do período colonial em especial no período do Sistema do Regimento das Missões onde João Daniel escreve sua obra possibilitado perceber o índio nesse contexto, e trabalhar um nova ótica sobre esses agentes históricos.

### **Processos de resistência indígena através do discurso de João Daniel**

O “Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas” esta dividido em dois volumes, neste artigo apresentamos alguns trechos do primeiro volume, nos quais detectamos o cotidiano do índio e suas resistências à política indigenista imposta pelos colonizadores.

João Daniel dedica uma boa parte de seu livro a caracteriza os índios, descrevendo sua forma física, suas vivências no dia a dia, seus costumes, suas crenças, etc. Segundo os relatos do padre João Daniel perceber que os índios eram numerosos, havia muitas etnias com uma vasta demografia, porém são descritos com feras e bichos do mato, não são inseridos na categoria de seres humanos.

Sabe-se que esses grupos indígenas foram um grande empecilho para os missionários no que se refere à obediência a fé católica, a fidelidade a suas crenças e a resistência ao trabalho escravo, porque muito se revoltavam com as exigências de seus senhores, os missionários. Uma primeira resistência era sua tradição oral e influencia grandiosa que os mais velhos tinham sob os novos.

Tendo a fé católica sua versão sobre a criação do mundo, sobre deus, regras de comportamentos, obrigavam os índios a se converterem sua fé e se comportarem conforme seu padrão de vida, porém muito são as artimanhas dos índios contra a imposição do branco. Vejamos o papel das mulheres velhas no cotidiano indígena:

É bem verdade que os filhos o obedecem com muita sujeição aos pais, os mais moços aos mais velhos, tendo-lhes tanta veneração, às velhas, que juram nas suas palavras; e o que elas dizem são para eles oráculos, e evangelhos, de sorte que ainda convertidos e domésticos mais depressa acreditam o que lhes dizem as velhas do que o que lhes pregam os missionários. E se alguma velha levantou a voz e diz morram os missionários, tenham estes paciência, porque lhes será muito difícil o escapar; e pelo contrário quando os índios amotina dos querem matar um europeu, basta uma para os aquietar. (DANIEL, 2004, p. 269).

Sabe-se que havia a catequese é as crianças eram seus principais alvos da evangelização, já que os mais velhos dificilmente se convertiam, as crianças acompanhavam as lições religiosas, alfabetização e música durante quatro a cinco horas depois voltavam ao trabalho de caça e pesca. À noite soavam os sinos e essas crianças ensinavam o que aprenderá aos mais velhos, porém conforme as crianças iam crescendo, voltavam as suas tradições. Uma tradição dos povos indígenas era a importância que atribuíam às guerras, eram homens guerreiros amantes de grades batalhas, que adquiriam graus de importância nas suas aldeias conforme as vitórias. Sempre buscavam seus inimigos. As missões tentaram em alguns momentos impedir essas práticas que falhavam na maioria das tentativas:

[...] A tradição que mais conservam são das suas guerras, e batalhas que têm tido com os seus inimigos e nações contrárias; e de quando em quando se põe a pregá-la e conta-la aos mais, ou entre si, quais pregadores nos púlpitos, especialmente quando se querem animar para alguma batalha. E nestes sermões, para fazer melhor o seu papel, e mover mais ao auditório com os seus ditos, têm na mão um arco, e na outra uma frecha, e com estas armas fazem muitas e diversas exibições, já metendo a frecha no arco, e fingindo que querem disparar, já atirando-a, e metendo-a na aljava, tudo ações belicosas para se animarem, e persuadirem aos mais valentias, e que a ninguém temem, ainda que seja o Grão Turco; e gastam horas nestes sermões, e com bem pouco fruto. (Daniel, 2004, p. 269).

As práticas de guerrear eram mantidas sendo mais uma resistência, mesmo que os missionários tentassem convencê-los do contrário eles não deixavam suas tradições, pois tinha uma grande simbologia, seja de expansão territorial, ou para se manter no topo da hierarquia na sua comunidade. Algumas desses praticam a antropofagia, o ato de comer carne humana que era abominado pelos missionários, porém era essencial aos índios que acreditavam se tornar fortes ao comer seus inimigos. Além da antropofagia tinham muitas outras crenças que incomodavam seus missionários, tinham muitos agouros, e se mantiveram agarrados há essas crenças com unhas e dentes:

Também desde pequenos se criam com vários agouros em pássaros, em feras do mato, e muitos contingentes; por isso há muitos pássaros a quem não matam, nem fazem mal. E quando se avistam com algumas feras em tais tempos, e ocasiões, apreendem que lhes ha de suceder esta ou aquela desgraça, ou que hão de morrer, e são tão aferrados a esses dogmas, em que ainda que vejam o contrário não há tirar-lhos da cabeça [...] mesmo assim deixam

de fazer algumas cousas ainda precisas por terem para si que lhes há de suceder mal, ou às suas mulheres, se estão peçadas; como é que nestas ocasiões não podem pescar, porque não há de pegar o peixe, outros *ejusdem furfuris*, dos quais são tão tenazes, que ainda no cristianismo missões conservam estas doutrinas de seus avoengos. Por isso que quando algum branco tem alguns serviços que eles por seus agouros cuidam que por este ou aquele agouro não terão bom êxito, só a pau os persuadirão ao contrário. (Daniel, 2004, p. 270).

É muita forte a identidade cultural desses índios cujas missões tentaram prova aos índios que suas crenças e costumes era tolice, colocam os mesmo para trabalhar mesmo contra sua vontade, pois precisavam de sua mão de obra e porque ia contra a fé católica. Assim os jesuítas trazem as mulheres e o homem para trabalhar nos dias que deveriam esta em resguardo, porém eles continuam acreditando fortemente em suas raízes. Como se observa era difícil convence-los do oposto, isso prova que esses índios eram muito fieis as suas tradições, que mesmo com maus tratos preferiam acreditar naquilo que foi aprendido por gerações.

Daniel descreve algumas cerimônias e crenças desses índios que considera inadmissível, por exemplo, o rito realizado quando a mulher recebe sua primeira regra e quando tem algum filho. A mulher que acabará de ter filho volta imediatamente aos seus afazeres além de cuidar de seu filho, essa mulher trabalha nas roças, enquanto os homens tomam as dores e repousam, não podem fazer esforços físicos. Quando a moça ganha sua primeira regra e sujeitada a um rito cerimonial mediado pelas velhas com o objetivo de se tornarem mulheres bonitas e fortes, elas ficam em silêncio e jejuam elevadas dentro de um cesto até a cumeeira da casa, por um rigoroso tempo.

Os rapazes são preparados para serem bravos e valentes contra seus inimigos, e se inserirem nos grupos dos fortes, dos nobres e abalizados valentões, é sujeitos a exames e durante o exame não podem reclamar e nem demonstra sentimentos, suportando a dor e superando os desafios. Por esse motivo alguns pais acostumam seus filhos desde criança com agressões físicas, pois acreditam que só serão grandes homens aqueles que padecem e desfalecem com qualquer adversidade e tormenta, quem foi criado com mimos e regalos:

Este seu Deuteronômio não só observam nos matos, enquanto gentios, mas ainda nas missões, e depois de estarem no grêmio da igreja. Muito compassivo esteve uma noite um missionário por ouvir chorara e gritar um rapaz cuidado ter alguma grave moléstia, ou haver-lhe sucedido algum grande infortúnio; com este cuidado, assim que amanheceu mandou saber alguma a novidade e foi a resposta que era fulano, que em toda a noute esteve dando pancadas e tratos a seu sobrinho para o fazer valente, animoso, e esforçado. E como valentia é entre os índios o maior brasão de nobreza, gravidade e fidalguia, não se negam às empresas árduas, e perigosas batalhas com seus inimigos: antes muitas vezes se oferecem. (DANIEL, 2014, p. 272).

Acima tomamos conhecimento que esses costumes fazem parte de suas crenças pessoais e aquele que consegue concluir seus desafios são considerados grandes homens, por isso a grande importância para esses rapazes participarem dos exames, não é somente um mérito individual, mas para todo o grupo. Sendo fortes estão aptos a irem às guerras, e quando são convocados para alguma batalha com outras nações que são inimigas é uma honra fazer parte das lutas.

Esses índios são descritos sem ambição pelas riquezas, com tradições fortes e agouros. Essas suas características vistas como desprezíveis e inaceitáveis. João Daniel (2004, p. 281) destaca que esses grupos indígenas tinham muitos vícios, e destaca três desses, sendo o 1º o da carne, 2º o das beberrias, 3º posto que não tão universal é comerem carne humana.

O vício da carne, a sua sexualidade é usual é comum, a nudez facilitada este contato e atribui esse fato ao clima quente e por não conhecerem deus e suas leis, João Daniel atribui termos cristãos aos modos de vida dos índios. Algumas nações tem o costume de oferecem suas filhas, como tratado de amizade e paz aos índios e aos brancos, Daniel expressa a indignação por não guardarem a castidade. Demonstra apreço pelas nações cujos pais criam suas filhas no resguardo, onde só as apresentam quando chegar o dia de seu casamento e pelas aquelas que não permitem aquilo que os cristãos classificam como o pecado do adultério. Muitas nações praticam a poligamia, é comum que os caciques e os principais têm muitas esposas e esse detalhe não os impedem de abraçarem a fé católica, inquietando os missionários que lutam permanentemente contra esse ato.

O vício da bebedice, fazem grandes banquetes, as mulheres velhas que preparam tudo. Comemoram o nascimento de algum filho, dos seus noivados, casamentos e outros, e bebem vinhos e comem guisado, a festa dura até durarem os vinhos. Todas essas cerimônias são proibidas pelos missionários, porém os índios não atendem suas apelações, mantendo suas tradições com rigor:

De modo ordinário rematam estes festins nos efeitos e desgraça da bebedice, que são bulhas, pancadas, feridas, e mortes: uns porque têm inimigos, e alterando-se com o Baco a coléra, desabafam em vinganças; outros, porque por bêbados não sabem o que fazem estes por se quererem mostrar valentes, e aqueles por alguma raiva. E nas mesmas aldeias e missões não só conservam as mesmas festas, e beberriass, mas também rematam ordinariamente nos mesmos efeitos, e desgraças. Por isso quando eles riem nestas festas, choram seus missionários [...]. (DANIEL, 204, p. 289)

Quando são proibidos de realizar suas festas dentro das missões fogem para as matas. Assim os índios persuadem seus senhores e de diversas formas conseguem manter suas tradições vivas e acabam enfraquecendo suas lideranças, deram muito trabalho ao colonizador, isso prova que não foram somente manipulados, que aceitaram simplesmente a escravidão, esses homens e mulheres lutam para inverter seu cotidiano como bem diz o historiador Michel de Certeau (???)

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Perceber essas resistências indígenas é sair do censo comum, do pensamento tradicional que é aquele de pensa um índio como inferior ao branco, ao colonizador, é perceber seu espaço na história, não como meros receptáculos de funções, como aqueles que aceitaram uma imposição e ficaram de braços cruzados. Analisar este discurso é abrir espaço para uma nova ótica, para uma nova visão, um novo pensamento sobre essas pessoas e levar essa novo conhecimento, essa nova face da história aqueles que estão distantes e que ainda recebem informações distorcidas do passado, conhecendo apenas um lado do processo histórico, estamos nos referindo a educação básica, deixaremos os estereótipos dos livros didáticos que na maioria das ocasiões reproduzem uma imagens atrasada do índio, uma história preconceituoso e socializar uma nova história, fazendo as crianças, adolescentes perceberem que nem tudo é como nos contaram um dia, aguçando neles a problematização do seu passado, onde o índio faz parte de sua ancestralidade, é uma das matrizes que compõe sua origem.

Conhecer as matrizes de suas origens e um direito constitucional, abrir um espaço para estudar a história indígena, negra e branca é um direito de todo o estudante. A Lei nº 9.394 intitulada Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, LDBEM ou Lei Darcy Ribeiro) no artigo 26:

§ 4º - O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígenas, africana e europeia.

Infelizmente dentro do contexto da sala de aula quando se estuda a história do Brasil, a contribuição que os brancos, os índios e os negros deixaram para a nossa cultura, sempre quando se representa esses povos, os europeus são os heróis, o negro é o escravo e o índio é o selvagem. A matriz europeia é sempre elevada à categoria da mais importante e significativa. Fazendo acreditar que eles foram o único símbolo de desenvolvimento para o país, descartando os negros e os índios, e isso empobrece a história do Brasil, já que ambos contribuíram para a constituição do povo brasileiro. Como brasileiros temos na nossa ancestralidade sangue europeu, indígena e negro, apesar de que a maioria da população não se identificar com essas origens. De acordo com Bessa Freire (200, p. 20):

[...] Como os europeus dominaram política e militarmente os demais povos, a tendência do brasileiro, hoje, é se identificar apenas com o vencedor – a matriz europeia – ignorando as culturas africanas e indígenas. Isso reduz e empobrece o Brasil, porque você acaba apresentando aquilo que é apenas uma parte, como se fosse o todo.

Valorizar somente a influência europeia é inapropriado, porque quando alisamos nos dia a dia percebemos influências da cultura afro-brasileira e indígena. Porém esses povos estão à margem, desvalorizados. Sendo assim, essa nova história indígena se posiciona de forma contundente à historiografia tradicional acerca da questão indígena. Surge trazendo uma nova visão, uma nova ideia, uma nova versão da história indígena, buscamos quebrar os preconceitos. Essa pesquisa almeja novas interpretações do passado colonial para a instituição que recebe diariamente pessoas que estão em formação, ou seja, a escola, para a educação básica.

Portanto, através da análise do discurso do padre João Daniel pretende-se verificar o lugar do índio e suas vivências, na hipótese de que eles não aceitaram o modo de vida que estava sendo imposto a eles, ou seja, a escravidão, a fé católica, e sim que resistiram formulando táticas para inserir suas vivências em um contexto forjado pelo colonizador que chegou e privatizou as terras e sua própria liberdade. Essas resistências são alguns dos muitos exemplos da perseverança e fidelidade que essas nações tinham as suas tradições, seja dentro dos aldeamentos ou fugindo para a floresta.

Histórias como essas são permitidas graças a essa revolução historiográfica que abriu espaço para olhar os que ficaram por muito tempo nas margens da sociedade, provando que a história não é somente dos heróis, como nós diz a historiadora Mary Del Priore (1997) não discutimos o espaço público em oposição ao privado, mas, percebemos o espaço social que cada grupo ocupa como se constituem como sujeitos de diferentes maneiras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, José D'Assunção. **O campo da História**; especialidades e abordagem/ Jose D'Assunção Barros. 5. Ed. – Petrópolis, RJ; Vozes, 2008.

BARROS. José D'Assunção. **O projeto de pesquisa em História**; da escolha do tema ao quadro teórico/ José D'Assunção Barros. 4. Ed, - Petrópolis. RJ; Vozes, 2007.

CERTEAU. Michel. **Inversão do cotidiano**. 15 ed. Petrópolis. RJ; Vozes, 2008.

CHALHOUB. Sidney. **Visão da liberdade**; uma historia das ultimas décadas da escravidão na corte - São Paulo; companhia das letras. 1996

DANIEL, João, 1722-1776. **Tesouro descoberto no máximo rio amazonas**. V.1/Padre João Daniel – Rio de Janeiro; Contraponto, 2004.

DARNTON. Robert. **O grande massacre de gatos**; e outros episódios da historia cultural francesa/ Robert Darnton; tradução de Sonia Coutinho. Rio de janeiro; Graal, 1986.

DOSSE, François. **História e ciências sociais**/ François Dosse; tradução Fernanda Abreu, -- Bauru, SP: Edusc, 2004. 312 p.; 21 cm. – (Coleção História).

FREIRE. José Ribamar Bessa. **A Amazônia colonial** - 4ª edição revista e ampliada. Ed. Metro cubico, 2005.

FREIRE, J.R. Bessa. Cinco idéias equivocadas sobre o índio. In *Revista do Centro de Estudos do Comportamento Humano (CENESCH)*. nº 01 – Setembro 2000. p.17-33. Manaus-Amazonas.

JÚNIOR, Almir Diniz de Carvalho. **Líderes indígenas no mundo cristão colonial**/Canoa do tempo - Revista de pós-graduação de Historia, Manaus v.1 – jan./dez. 2007.

LEONARDO, Vitor Paes de Barros. **Entre árvores e esquecimentos**; historia social. Brasília; Paralelo 15 editores, 1996.

DEL PRIORE, Mary. “História do cotidiano e da vida privada” In.: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAIFANS, Ronaldo (orgs). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. – Rio de Janeiro: Campus, 1997.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo. **A pesquisa em história**/ Maria do Pilar de Araújo Vieira, Maria do Rosário da Cunha Peixoto, Yara Maria AunKhoury. – 5.ed. – São Paulo; Ática, 2007.